

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
FORMAÇÃO INTERCULTURAL PARA EDUCADORES INDÍGENAS

SINAIS DA NATUREZA:
HISTÓRIAS E DESENHOS PARA O POVO PATAXÓ

Sandriana Borges Vieira

Belo Horizonte/MG
2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
FORMAÇÃO INTERCULTURAL PARA EDUCADORES INDÍGENAS

SINAIS DA NATUREZA:
HISTÓRIAS E DESENHOS PARA O POVO PATAXÓ

Percurso Acadêmico apresentado ao Curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FIEI/FAE/UFMG) como requisito parcial para obtenção do grau de licenciada em Ciências Sociais e Humanidades.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Roberto Maia Figueiredo

Belo Horizonte/MG
2021

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Tupã por me dar saúde, força, coragem e sabedoria para chegar até aqui, pois sem ele não conseguiria.

A minha mãe que sempre me apoiou desde o início dos estudos até o final e me ajudou quando eu precisei, cuidou do meu filho para que eu pudesse estudar, ao meu pai que me apoiou e ajudou quando eu precisei, tanto aqui e enquanto eu estava em BH e aos meus irmãos Douglas, Tucunã e Hayo Kuã, que sempre me ajudou quando eu precisei deles.

O meu filho Yakenã que é minha maior inspiração de vida, para ser cada dia uma pessoa melhor, e para buscar o melhor pra ele e de lutar pelos meus sonhos.

Aos meus compadres Iran e Carolaine que sempre esteve comigo, mesmo antes de Yak nascer, sempre ajudou e me apoiou para seguir em frente.

A minha prima Renata que me acompanhou até BH para me ajudar a cuidar do meu filho.

Ao irmão Tucunã pelas lindas ilustrações que fez para abrilhantar o meu trabalho.

A minha aldeia Mãe Barra Velha, todas as lideranças que contribuíram direto e indiretamente, aos meus entrevistados Dona Rosa, José Sales (Piega) e Itaiane, sem vocês não conseguiria realizar meu trabalho, gratidão em memória das lideranças da Aldeia Barra Velha: Epifani, Josefa, Palmiro, Tururuim, Luiz Capitão, Honório, Alfredo Braz e todos que lutaram pelos nossos direitos e pelo nosso território.

A todos os meus professores desde a alfabetização até o ensino médio, obrigado pelos ensinamentos, essa vitória também é de vocês.

Meus sinceros agradecimentos ao meu coordenador Pedro Rocha que foi um pai para nós, que nos ajudou e teve paciência com todos, principalmente comigo e com minhas colegas que levamos nossos filhos para a faculdade. Meu Orientador Paulo Maia que sempre acreditou em mim e me incentivou quando eu mesma nem acreditava em mim, e não me deixou desistir nos momentos de dificuldade, a todos os bolsistas que nos ajudaram, em especial Matheus Freitas que esteve junto comigo me ajudou bastante, gratidão que Deus o abençoe sempre.

A todos os professores do FIEI, que trilharam durante esses 4 anos de estudos, que proporcionaram momentos de alegria e conhecimentos durante o curso, pelo apoio, ajuda, incentivo, compreensão e amizade. Obrigada a todos que participaram da minha vida acadêmica, a UFMG Universidade Federal de Minas Gerais por ter dado essa oportunidade para nós povos indígenas, que nos permite conhecer novos conhecimentos e nos dar

oportunidade de mostrar nossos conhecimentos tradicionais, respeitando nossa cultura, tradição e costumes, meus sinceros agradecimentos e também a todos os funcionários, corpo docente, direção e administração.

Gratidão, a todos os meus colegas e amigos de curso, pelos momentos de felicidade, risadas, choros, dificuldade e aprendizagem que compartilhamos juntos, e construímos a nossa família CSH, vocês fizeram parte da minha vida e juntos conquistamos nossos sonhos, levarei cada amizade que fiz durante o curso para minha vida. Obrigada aqueles que me contribuam para a minha formação, em especial meus colegas que sempre esteve comigo, Saiara, Ana Clara, Samara, Reginaldo, Maria Núbria, Láríca, Ranikere, Kutíá, Aranã e Viviane, vocês são de verdade, obrigado por tudo.

Grata também as todas turmas CVN, MAT, LAL, todos que eu conheci desde quando iniciei o curso até a nova turma. Família FIEI gratidão.

E por fim, agradeço a todos os parentes que conheci e aos meus colegas Xakriabá e Maxakali que esteve nessa longa jornada comigo, aos parentes Pataxó Hã Hã Hãe e Guarani. E todos aqueles que contribuíram diretamente ou indiretamente na minha formação e minha aldeia Barra Velha.

RESUMO

Este trabalho foi realizado na aldeia Mãe Barra Velha do Povo Pataxó, no município de Porto Seguro, Bahia. Os sinais da natureza são fenômenos muito comuns para o povo Pataxó, eles podem vir em forma de sonhos, animais, astrologia, sinalizando algo de bom ou ruim que aconteceu ou que está prestes a acontecer com alguém naquele determinado lugar. Meu trabalho tem como objetivo fortalecer ainda mais os conhecimentos dos sábios do meu povo e deixar registrado para as futuras gerações a importância de sabermos esses sinais, além de mostrar a visão do ancião e do jovem e como esse diálogo se dá atualmente. Percebi que muitos jovens não conhecem muito sobre esses sinais, os que conhecem são aqueles que têm o costume de dialogar com os pais e avós, esse diálogo é muito importante entre os anciãos e os jovens, pois somos o futuro da nossa aldeia e devemos ouvir mais para aprimorar nossos conhecimentos.

Palavras-chave: Sinais da natureza, povo Pataxó, desenhos, histórias, anciãos, jovens.

Sumário

SINAIS DA NATUREZA, UMA INTRODUÇÃO	6
ENTREVISTAS SOBRE OS SINAIS DA NATUREZA	11
HISTÓRIAS E DESENHOS PARA O POVO PATAXÓ: O LIVRO ILUSTRADO	16
CONSIDERAÇÕES FINAIS	24

SINAIS DA NATUREZA, UMA INTRODUÇÃO

Me chamo Sandriana Borges Vieira, sou da etnia Pataxó, filha de Sandra Pinheiro Borges e Ianam Braz Vieira, tenho 3 irmãos: Douglas, Tucunã e Hayokuã. Sou mãe de Yakenã de 3 anos.

Nasci e resido na aldeia indígena Pataxó Barra Velha, no município de Porto Seguro, estado da Bahia. Comecei meus estudos com 4 anos de idade na escola indígena Barra Velha, minha primeira professora foi Geane, minha prima, ela me convidou para participar das aulas dela como ouvinte, eu queria muito ir pra escola, fiquei toda feliz e no dia seguinte eu fui mais ela pra ela estudar como ouvinte, porque eu não tinha idade para minha mãe me matricular, mãe conta que o meu primeiro caderno foi de folha sulfite, e eu fiquei alegre com o caderno que minha professora tinha feito, concluí todo meu estudo na escola da minha aldeia.

Atualmente na aldeia de Barra Velha moram aproximadamente 500 famílias ou 2600 pessoas, que vivem principalmente da pesca, artesanato, turismo e agricultura. Algumas pessoas da comunidade trabalham na escola, posto de saúde e serviços gerais, que são contratados pela prefeitura do município.

O povo Pataxó foi um dos primeiros povos a ter contato direto com os invasores do Brasil e isso fez com que deixássemos de falar nossa própria língua, dançar nosso awê e usar nossos trajes. Mas o povo Pataxó é um povo guerreiro, e se hoje estamos aqui, é graças aos nossos guerreiros, guerreiras e encantados que resistiram para nós existirmos. Com tudo isso que sofremos, nunca deixamos nossa cultura acabar, ela só adormeceu por um tempo, estamos em um processo de revitalização da nossa língua, língua materna que é o Patxohã, que significa língua de guerreiro. Um dos principais rituais que mantemos frequentes aqui na aldeia é o ritual da lua cheia, Dawê Mayô Ihé, também presente no currículo da escola, toda lua cheia, fazemos nosso ritual para agradecer a fartura e prosperidade que ela proporciona para nós, ali cantamos, dançamos o awê, comemos os mariscos, peixes, frutas, e bebemos o kawê, bebida típica do povo Pataxó e assim só fortalecemos ainda mais nossa cultura.

A primeira vez que ouvir falar do vestibular do FIEI foi quando eu estudava no segundo ano do Ensino Médio, meus professores sempre comentavam sobre o curso e a importância para nós, teve um dia que um professor mostrou uma prova da turma CVN (Ciências da Vida e da Natureza) para nós, foi uma prova que o pessoal tinha feito, meus colegas e eu achamos muito fácil aquela prova, teve um colega meu que comentou assim: Essa prova é muito fácil, eu acertava todas as questões. No ano de 2015 me inscrevi para o vestibular, foi minha primeira

tentativa, os professores deram o maior incentivo para mim e meus colegas, foi uma correria e tanto para preencher o formulário, eu particularmente fiz mesmo por curiosidade de saber como que era a prova, mas não era tão fácil o quanto eu pensava. Foi tanto que eu não fui aprovada. No ano de 2017 me inscrevi pela segunda vez, para a turma CSH (Ciências Sociais e Humanidades), me inscrevi porque eram disciplinas que eu sempre gostei de estudar, a prova não tava tão difícil, a parte que eu mais gostei de fazer foi a redação, era pra continuar uma história, no começo eu estava muito tensa, mas depois eu esqueci de todos ao meu redor e foquei na história, creio que foi isso que me ajudou a ser aprovada. Eu estava muito ansiosa para o resultado sair e finalmente o dia esperado chegou, eu nem tinha visto o resultado, quem me deu a notícia foi minha prima e logo entrei no Facebook pra ver o resultado. Foi uma grande alegria saber que tinha sido aprovada, de todos os meus colegas, eu e Aranã fomos os únicos aprovados, eu fiquei muito feliz, sempre estudamos juntos desde a 5ª série.

Eu estava muito ansiosa para conhecer a faculdade, meus novos colegas e professores, quando cheguei pela primeira vez na universidade, foi totalmente diferente do que eu imaginava, é tão enorme o campus, bem maior do que a minha aldeia, me lembro perfeitamente do primeiro dia de aula, minha turma, todos tímidos, eram poucas pessoas que conhecíamos, foi uma experiência incrível, conhecer outras etnias e conviver durante 35 dias essa experiência que só a UFMG mesmo que pode nos proporcionar.

Quando eu comecei a estudar na UFMG já tinha em mente em fazer meu percurso sobre meu bisavô Tururim, que foi o primeiro cacique da Aldeia Mãe Barra Velha, um dos guerreiros que lutou para a demarcação da terra indígena Barra Velha, eu queria deixar registrado a história dele, o quanto ele foi e é importante para nós. No momento que o Professor Pedro perguntou pra nós qual era o nosso tema do percurso, não pensei duas vezes em falar e disse que queria escrever sobre meu bisavô. Até iniciamos a estrutura do trabalho como seria, mas quando foi no semestre seguinte, Pedro me disse que já tinha trabalhos escritos sobre ele, e eu teria que ler todos e escrever o que não tinha nos outros trabalhos. Durante uma conversa com minha comadre Carolaine, ela me perguntou sobre o tema do meu trabalho, aí expliquei toda a situação pra ela, foi aí que ela me deu a ideia de fazer sobre os sinais da natureza, como não conhecíamos muitos trabalhos sobre esse tema, comecei a pensar, sobre este assunto, que também é de suma importância para nosso povo.

A relevância deste trabalho é buscar na memória dos anciãos e jovens as histórias dos nossos antepassados sobre os sinais da natureza que são fenômenos muito comuns para o povo Pataxó, eles podem vir em forma de sonhos, animais e astrologia, sinalizando algo de bom ou ruim que aconteceu ou que está prestes a acontecer com alguém ou naquele lugar. Meu trabalho

tem como objetivo fortalecer ainda mais os conhecimentos dos sábios da minha aldeia, deixar registrado para as futuras gerações a importância de sabermos a respeito desses sinais e mostrar a visão do ancião e do jovem, como esse diálogo se dá atualmente.

Na minha pesquisa, reuni e escrevi algumas histórias dos sinais da natureza: a lua e a estrela, o pássaro Acauã, pássaro Tesourão, canto da coruja, canto do galo, sonho com cabelo e sonho com canoa. São histórias que desde de criança meus avós contavam, e todas as vezes que esses sinais aparecem para nós, já sabemos o que vai acontecer.

O objetivo do meu percurso é fazer um livro ilustrado para o público infanto-juvenil, com os desenhos e histórias, quero deixar registrado a importância desses sinais para as crianças e jovens, pois muitos não conhecem e não acreditam nesses sinais. Esse tema é muito importante e não podemos deixar de registrar os conhecimentos dos nossos anciãos, quero deixar uma cópia do meu trabalho na escola, para que os professores possam trabalhar com os alunos. Juntamente com meu orientador Paulo Maia tivemos a ideia de fazer um livro ilustrado com desenhos, gostei muito da ideia e logo pensei no meu irmão Tucunã que é um jovem artista da minha aldeia, pedi pra ele me ajudar com os desenhos, já que eu não sei desenhar. Durante minha pesquisa conversei tanto com os anciãos quanto com jovens para ter a ideia das formas de conhecimentos de ambos, queria saber o que os jovens conhecem e pensam sobre os sinais da natureza.

Cresci em uma época que na minha aldeia não tinha energia, quando chegava a noite cada família fazia uma fogueira na porta de casa e ficavam contando histórias, todas as noites eu e meus amigos brincávamos de roda na casa de um casal de anciãos chamados Minelvina e Adalício, tinha uma cantiga que gostávamos de cantar, era assim:

Dois passarinho dona Miné
Caiu no laço dona Miné
Dar um beijinho dona Miné
E dois abraço dona Miné
Agora escolha dona Miné
Para ser seu par dona Miné

Toda vez que cantávamos essa cantiga, Minelvina brigava conosco, porque ela era conhecida como Dona Miné, mas sabemos que criança gosta de provocar os mais velhos. Eu me lembro que brincávamos de pega-pega, bandeirinha, esconde-esconde, boca de fornos, todas essas brincadeiras, durante a noite. Quando terminamos de brincar íamos tomar banho

na cacimba de Bia, uma jovem parteira aqui da aldeia, quando a noite estava muito escura, levávamos um fósforo para colocar fogo nas palhas de bananeira, tínhamos que tomar banho rápido enquanto o fogo não apagava, em seguida saímos correndo, porque os meninos gostavam de fazer medo em nós. Depois disso ainda íamos ficar em frente da casa de Adalicio e Minelvina, eles colocavam um tapete e nós todos deitávamos para ouvir as histórias, os causos e piadas que eles e nossos pais contavam.

Depois da chegada da energia muita coisa mudou, o pessoal da aldeia começou a comprar televisão, deixaram de fazer fogueira nas portas das casas, hoje em dia não se vê crianças brincando nas ruas, só dentro de casa, assistindo televisão e mexendo no celular. É muito importante as crianças saberem as verdadeiras histórias dos nossos antigos, pois são elas que são o futuro. Eu como jovem, vejo o quanto é importante ouvir e registrar as histórias de cada ancião que ainda estão entre nós, ainda me lembro de muitas coisas que ouvi daqueles que já se foram, antes eu não tinha como registrar e hoje eu posso fazer isso, para que meu filho possa ver daqui uns anos.

Fui criada de uma forma diferente, em um tempo diferente, hoje como mãe, eu sempre levo meu filho para participar dos rituais, das festas tradicional da minha aldeia, e ele gosta muito, é esse caminho que devemos ensinar para nossas crianças, se elas não conhecerem a história do seu próprio povo, como será futuramente?

Inicialmente, quando eu e meu orientador tivemos a ideia de fazer um livro, pensei logo que poderia conter uns desenhos acompanhado de histórias. O que eu acho interessante dos desenhos é que as pessoas podem decifrar o que ele quer dizer, mas caso as pessoas não conseguissem decifrar o desenho, então elas também podem ler a história e entender o que o artista quer mostrar. Eu pensei no público infanto-juvenil porque percebi que muitos dos adolescentes e crianças não conhecem muito sobre os sinais da natureza, assim, se eu fizesse um trabalho como dos meus colegas, apenas escrever, o público que eu queria que lesse não ia ler, tinha que ser de um modelo que chamasse a atenção deles. Como eu já trabalhei com crianças, sei o quanto eles gostam de ouvir histórias e desenhar e esta pode ser uma maneira mais fácil deles aprenderem sobre o nosso povo.

Quando eu conversei com meu irmão Tucunã pra ele fazer os desenhos pra mim, logo ele perguntou como eu ia querer os desenhos, primeiramente escolhi umas histórias que eu já sabia e depois outras que descobri ao decorrer da pesquisa. Inicialmente ele fez dois desenhos, isso foi antes da pandemia, durante a pandemia ficou complicado fazer as pesquisas e isso fez com que o trabalho ficasse parado, até mesmo porque não estávamos estudando. Quando começou as aulas online tivemos muita dificuldade, era uma coisa nova pra todos nós, eu tive

muita dificuldade, creio que não fosse a pandemia íamos ter mais facilidade. Mas o tempo foi passando e tínhamos que concluir nosso trabalho, de qualquer maneira.

Antes de encerrar, gostaria de falar um pouco mais sobre o artista Tucunã que fez todos os desenhos deste pequeno livro feito com carinho. Tucunã tem 18 anos e é o meu segundo irmão, antes do caçula, é um jovem muito conhecido aqui na aldeia, por causa dos seus lindos desenhos, das pinturas que faz, além de gostar muito de futebol, aliás joga muito bem. Ele também faz tatuagens permanentes, não é atoa que eu escolhi ele para fazer meus desenhos, não é porque ele é meu irmão que eu tô falando de muitas qualidades que ele tem, mas sim por ser um jovem tão humilde, falar dele é muito fácil, além de ser um bom irmão é um tio maravilhoso para meu filho. Agradeço pela parceria neste meu trabalho.

Nas entrevistas que realizei Dona Rosa de Jesus, o ancião José Sales e a jovem Itaiane dos Santos me contaram sobre alguns sinais que eles conheciam, transcrevo alguns deles a seguir.

1. Rosa de Jesus, 65 anos, parteira da aldeia Barra Velha



Foto 1 - Entrevistada Rosa de Jesus

ANIMAIS:

“Quando a coruja canta é agorando a gente, porque cumadi quando tem gente perto de morrer essa bicha canta, canta, canta mermo, vem pra riba da casa, e também mulher grávida, quando a mulher tá grávida ela gosta de cantar perto da casa da gente. Porque muitas das vezes eu botei pra observar aqui em casa né, quando minhas meninas estavam aqui em casa, ai quando aparecia uma, eu nem tava descobrindo, quando pensava que não ouvia ela cantar, aí cantava, cantava, cantava.”

“O caborê aquele bicho é danado aquele trem, ele é pra negócio de morte e de negócio quando a mulher tá grávida, ele canta mermo. Diz que eles gora a gente né, esse bicho é danado”.

“Diz que o sapo é negócio de feitiço, o sapo dentro de casa , diz que faz porcaria com o sapo pra gente”.

“Cachorro oviando é morte, quando eles começam a oviar demais pode esperar é alguma coisa que vai acontecer”.

“Quando o besouro da bunda amarela entra dentro de casa é alguém que vai chegar, e se for aquele todo pretinho é sinal de doença”.

SONHOS:

“Sonhar com gado é arma, sonhar com vaca branca é defunto, você pode esperar”.

“Sonhar com milho é vela, é só você sonhar com milho, pode acontecer qualquer coisa é só acender vela, é certinho o milho”.

“Se você sonhar arrancando dente e sentir dor é com a nossa família e se sonhar sem dor e com outra família”.

“Se você sonhar com água é choro, vai acontecer qualquer coisa que você vai chorar, pode ser água corrente, barrenta, é choro”.

“Se você sonhar com ovo pode esperar, ovo e pimenta é fuxico, não leva uns dias o pau quebra, com a gente mesmo da casa mesmo ou da vida dos outros, quando a senhora sonhar com ovo assim, você passar e ver um ninho de ovo, a senhora vai lá no lixo, o lixo eu sonhei essa noite com ovo carrega pra você, aí não acontece nada não. Quando sonha com o ovo inteiro é porque o fuxico não aconteceu e se for quebrado é que já aconteceu”

2. José Sales, 72 anos, ancião e liderança da aldeia Barra Velha



Foto 2 – Entrevistado José Sales

“O galo só canta hora certa, quando ele canta antes de meia noite é só coisa que não presta, ou mulher larga o marido, ou gente que morre, ou gente que briga, só é sinal ruim”.

“A estrela perto da lua, é sinal ruim, ou é mulher viúva ou gente que morrer”.

“Rasga mortalha, você vê ele zuar, ali é sinal também que não presta, de gente que morre, mais é sinal de gente que morre, essa rasgadeira, ela não tem hora pra ela rasgar, é meia noite, de madrugada, boca da noite. Esses sinais são coisa da natureza que os índios mais velhos têm certeza que acontece”

“Se você sonhar com fumo no outro dia você vê cobra, isso é uma verdade, porque a cobra é um bicho brabo, se você matar a cobra ela tiver meia viva, se você botar o alho na boca dela ela vive, agora se você colocar o fumo na boca dela, ela morre”.

“Houve muita mudança, até os bichos mudaram, antigamente quando o galo cantava já sabia que era uma menina que ia fugir com um rapaz, e hoje em dia quando o galo canta antes da meia noite é coisa ruim”.

3. Itaiane Ferreira dos Santos, 19 anos, jovem da aldeia Barra Velha



Foto 3 – Entrevistada Itaiane dos Santos

“Vovó fala que sonhar com bastante bicha é sinal que o bebê será mulher, e quando sonha com bicha dentro de uma caixa, significa que Deus vai levar de volta”.

“Sonhar com casa velha é sinal de morte, casa abandonada”.

“Sonhar com pena é sinal fuxico, ou alguém te quer fazer algum mau”.

“Sonhar com peixe é sinal de prosperidade na vida, saúde e sonhar com porco é sinal de fartura na vida da pessoa, se sonhar com mais de um porco é sinal de conquista e vitória na vida”.

“Sonhar com caixão quebrado significa que algum parente vai falecer”.

“Sonhar com canoa afundando significa que a sua vida não vai bem, a sua caminhada”.

“Sonhar com um rio perto de casa é sinal da busca entre a vida quando a gente é criança e a vida da gente quando é adulto”.

“Tio falou que quando o dente tá mole só é porque tem alguém doente da família ou o próximo. E quando ele tá podre é porque é sinal de morte e quando ele tá caindo e sai bicho de dentro é porque sua vida não está boa e a sua saúde e da pessoa que sonhou que tá com dificuldades.

As pessoas que entrevistei falaram da importância de registrar esses sinais, que vem dos nossos antepassados, os sinais têm várias explicações, vários significados, e que os sonhos muitas vezes não acontecem no mesmo dia, mas pode acontecer depois de uma semana, um mês, mas sempre vão mostrar o que vai acontecer ao decorrer da nossa vida, porque os sonhos sempre se realiza.

HISTÓRIAS E DESENHOS PARA O POVO PATAXÓ: O LIVRO ILUSTRADO

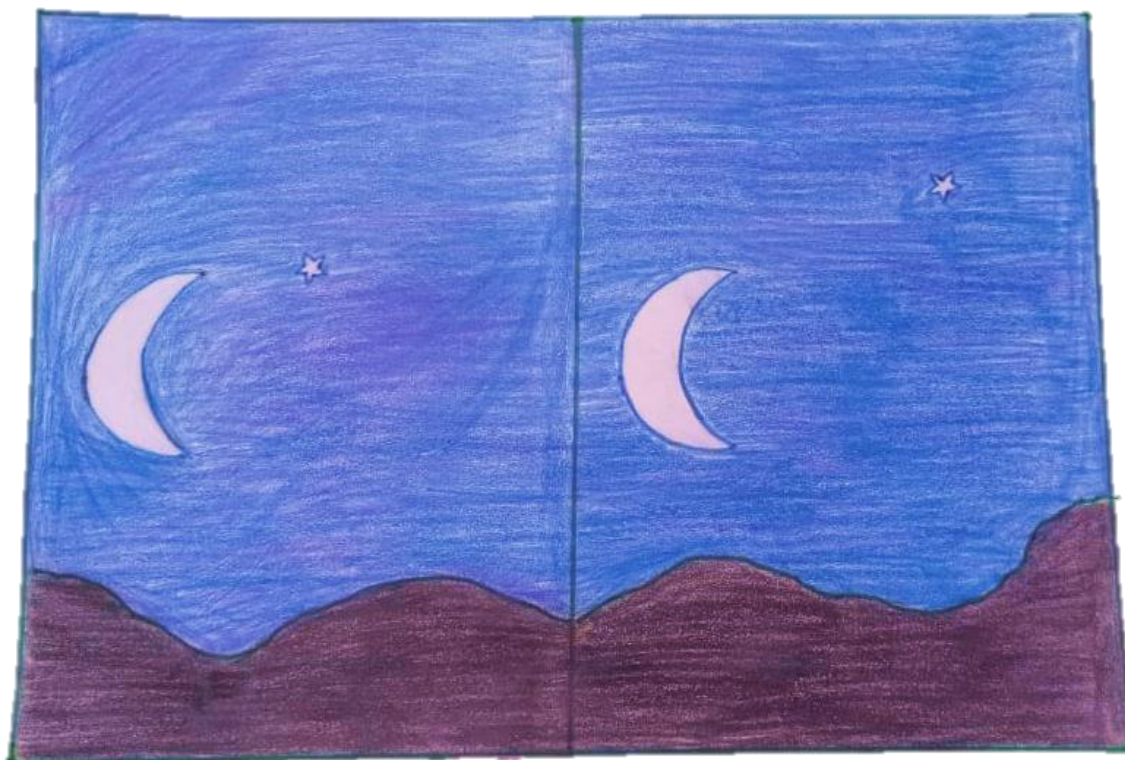


Imagem 1 - Sinal da Lua e da Estrela. Autor: Tucunã Vieira, 2020.

Em uma noite linda e estrelada, eu e minha avó estávamos na frente da minha casa, ela olhou para o céu e viu uma estrela perto da lua, aí ela disse que alguém ia morrer. Perguntei: "como a senhora sabe?" Então ela me explicou: "quando você ver uma estrela perto da lua é sinal que alguém está prestes a morrer e quando a estrela estiver um pouco longe é sinal que alguém está doente".



Imagem 2 - Sinal do pássaro Acauã. Autor: Tucunã Vieira, 2020.

Certo dia eu e meu pai fomos para a praia, estava um dia lindo e ensolarado, quando estávamos caminhando meu pai ouviu um passarinho cantar, ali ele me disse: "esse é o passarinho Acauã, quando tá sol e ele estiver cantando em um galho seco é sinal que vai chover e se estiver chovendo e ele estiver em um galho verde é sinal que vai fazer sol".

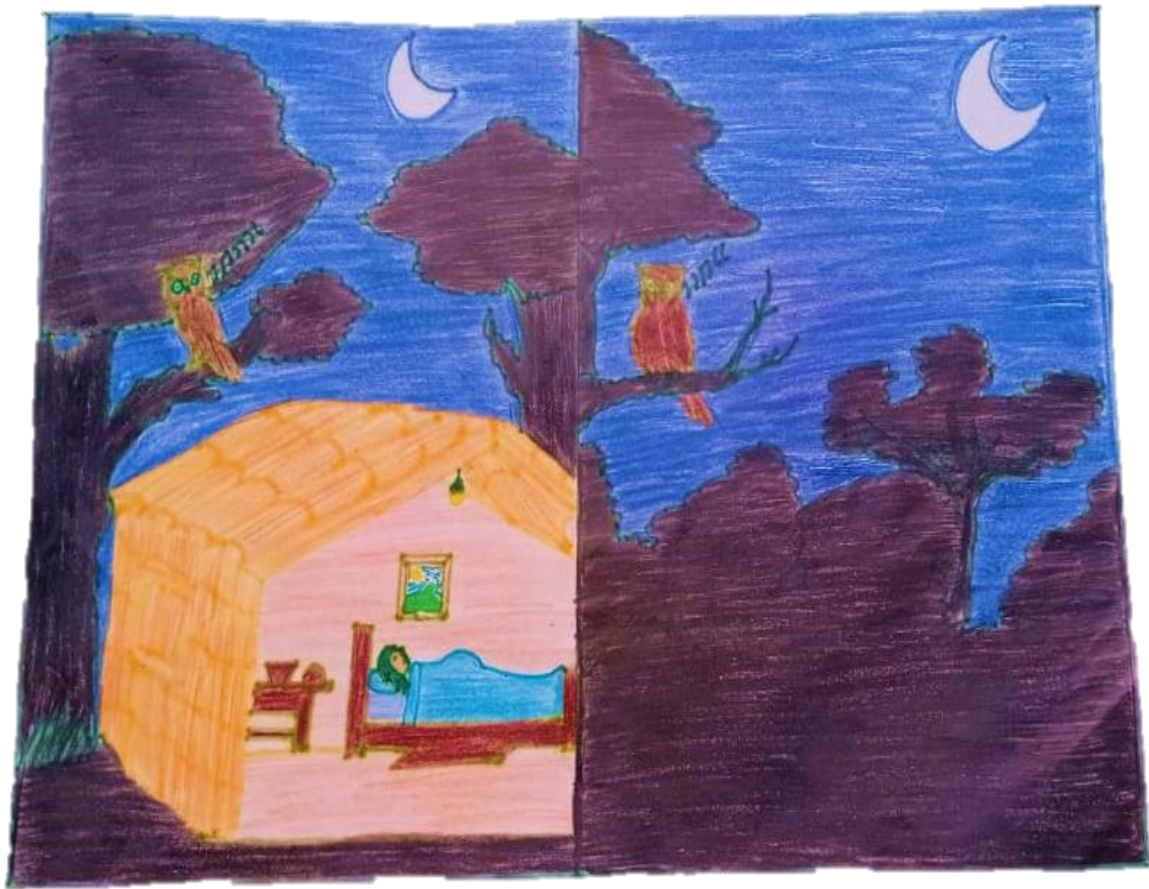


Imagem 3 - Sinal do canto da Coruja. Autor: Tucunã Vieira, 2020.

Certa noite estava em frente a minha casa na beira da fogueira, ouvindo meus avós contar histórias, quando de repente a coruja cantou no quintal da vizinha, aí minha avó falou: "Maria está grávida". Aí eu perguntei: "como a senhora sabe vó"? Então ela me respondeu: "Se você ouvir a coruja cantar no quintal de alguém é alguma mulher daquela casa que está grávida. Mas se você ouvir a coruja cantar como se estivesse gargalhando ela está agorando alguma pessoa".



Imagem 4 - Sinal da Rasgadeira. Autor: Tucunã Vieira, 2021.

Teve uma noite, quando já estávamos preparando para dormir, minha mãe ouviu a rasgadeira gritar, aí ela falou: "credeuspai" e eu perguntei: "foi o que mãe?" Ela respondeu: "a rasgadeira que passou em cima da casa gritando". Aí perguntei novamente: "o que acontece quando ela passa em cima da casa?" Ela falou que é alguma pessoa que vai morrer.



Imagem 5 - Sinal de sonho com o cabelo. Autor: Tucunã Vieira, 2021.

Certo dia pela manhã, eu e minha família estávamos tomando café da manhã, quando minha irmã disse pra minha mãe que tinha tido um sonho que o cabelo dela estava caindo. Minha mãe disse que sonhar com cabelo não era bom, ai eu perguntei por que não é bom? Minha mãe disse que sonhar com cabelo é alguém que morreu.



Imagem 6 - Sinal de sonho com canoa. Autor: Tucunã Vieira, 2021.

Em um certo dia, eu estava com minha avó fazendo artesanato, estávamos conversando sobre sonhos, foi aí que eu disse que tinha sonhado que estava em um rio, dentro de uma canoa com muitas pessoas, daí perguntei para minha avó: "o que significa sonhar com canoa?" Ela disse que é um sinal de que alguma pessoa faleceu ou vai falecer.

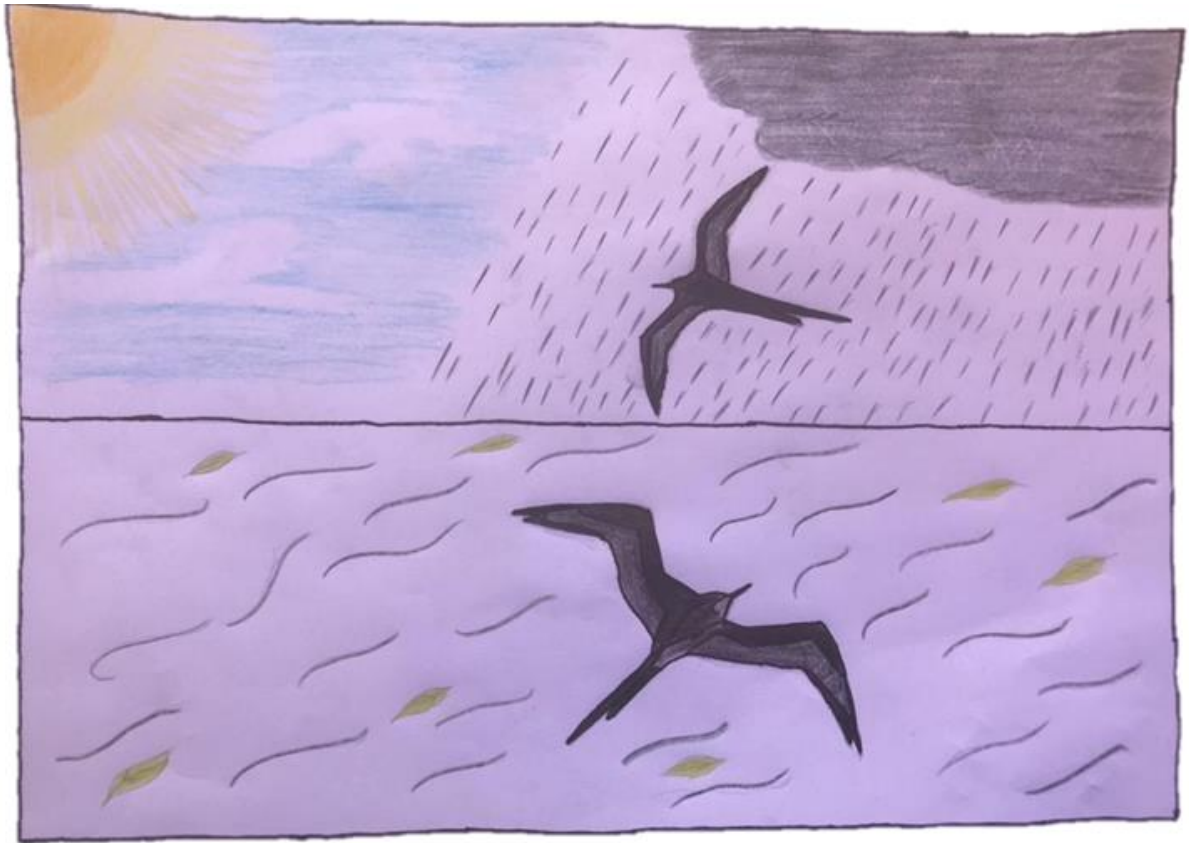


Imagem 7 - Sinal do Tesourão. Autor: Tucunã Vieira, 2021.

Em um certo dia, eu e meus colegas fomos para o mangue pegar mariscos para o ritual da lua cheia, pegamos os mariscos e viemos embora caminhando pela praia, estávamos conversando e sorrindo, quando de repente passou um pássaro e um dos meus colegas disse que ia chover. Eu fiquei pensando, como ele sabe que vai chover, se hoje está um dia ensolarado, eu estava naquela curiosidade e perguntei para ele que respondeu: "quando você ver o tesourão passar para o leste é sinal que vai chover, e quando ele passar para o sul é que vai fazer sol". Quando foi a noite no momento do ritual começou a chover, logo eu lembrei do que meu colega falou, e falei comigo mesma: "é verdade mesmo: o sinal do tesourão".



Imagem 8 - Sinal do canto do Galo. Autor: Tucunã Vieira, 2021.

Em uma noite linda e estrelada, eu e meus primos estávamos em frente a casa da minha tia, era por volta das 20 horas, quando o galo cantou, ai minha tia falou: "alguma menina vai fugir hoje". Meu primo perguntou: "mas por quê tia"? e ela respondeu: "quando vocês ouvirem o galo cantar fora de hora é sinal que alguma menina vai fugir, ou sinal que vai acontecer algo de ruim com alguma pessoa, acidente, morte ou doença".

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a realização deste trabalho eu pude aprender muitas coisas, que vou levar pra vida toda e com certeza vou repassar para meu filho, os sinais da natureza são fenômenos muito

importante para nós, povo Pataxó, são coisas que acontecem e que realmente é verdade e só quem acredita sabe a importância que tem, são coisas que acontecem que não tem explicação fácil. Pude refletir muito sobre esses sinais, quero explorar muito mais, o mais importante para mim é incentivar o diálogo com os anciãos. De certa forma, identifiquei um desinteresse da parte de alguns jovens em conhecer sobre estes assuntos, muitos não acreditam nesses sinais. Também pude observar que com o passar do tempo alguns sinais vão deixando de existir, não é só a natureza que se transforma, muitos dos animais que antes eram conhecidos por mostrar sinais atualmente não acontece mais ou, se acontece, é de outras formas, por isso é tão importante registrar, mesmo que com o passar do tempo eles vão mudando, se registrarmos e aprendermos jamais esses sinais vão ser esquecidos.

No decorrer da minha pesquisa, eu tive muitas dificuldades para realizar esse trabalho, no começo da pandemia foi muito difícil, pois era o período que íamos para BH, e não foi possível, tivemos que adaptar com as aulas online, para uns foram fácil, mas para outros não tão fácil, eu como mãe foi muito complicado, estudar e ao mesmo tempo cuidar de criança, adicionado a prática que eu não tinha de usar notebook, os aplicativos que tivemos de aprender a usar para que pudéssemos estudar de forma remota. Mas pra tudo Deus tem um propósito, por um lado foi ruim, mas por outro aprendemos muitas coisas com essa pandemia, muitos estudantes gostaram pois puderam passar mais tempo com família, sem precisar se deslocar para Belo Horizonte, foram muitas coisas novas, muitas dificuldades encontradas para a realização do percurso, alguns tiveram que mudar a estrutura de como seriam nossos trabalhos. Algumas pesquisas foram adiadas e isso fez com que nosso trabalho atrasasse e não ficasse do modo que imaginamos, a tecnologia ajudou bastante, pois mesmo de longe conseguimos dialogar com os orientadores e com o decorrer do tempo, os trabalhos foram fluindo, não da maneira que planejamos, mas graças a Deus conseguimos.